to nos ambientes escolares, quanto familiar dando oportunidades de contatos com materiais que dão suporte a uma aprendizagem de qualidade.

Em virtude do que foi mencionado não se pode simplesmente culpar os educadores ou considerá-los desmotivados pelo assunto, mas é preciso mostrar quais são os benefícios de um trabalho bem elaborado, que envolva as atividades lúdicas de qualidade, com liberdade de ação física, mental, utilizando recursos e transparência, no estímulo na competição entre os alunos através dos brinquedos, oferecer segurança, tudo isso são notáveis para enriquecimento do trabalho, e a construção de sua identidade. Considerando esses aspectos, com base nas pesquisas sobre a importância do brincar na educação infantil, pode se obter um resultado satisfatório na busca por uma identidade infantil de qualidade, somado ao desafio do estudo, pois além de proporcionar um grande aprendizado sobre o assunto abordado, foi uma superação pessoal enquanto professora da Educação infantil.

**REFERÊNCIAS**:


ALVES, Rubem. Alegria de ensinar. São Paulo: Ars Poética, 1994.

BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo.

Summus, 1984

BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) BRASIL. LEI N 9394/96. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Setembro de 1996. Editora do Brasil. Brasília, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.

São Paulo: Cortez, 1996.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança – imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1990.

PIAGET, Jean. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

VIGOTSKI, L. S. (2003) Psicologia Pedagógica. Porto Alegre, RS: Artmed. (Original publicado em 1926).


# AS CONTRIBUIÇÕES DAS ILUSTRAÇÕES NA LITERATURA INFANTIL PARA A APRENDIZAGEM DAS ARTES VISUAIS


HELEN CRISTINA LIMA DA SILVA



**RESUMO**

Especificamente a criança, a quem está voltada a literatura infantil, depende dos recursos de imagem para promover seu completo entendimento, admitindo-se que as ilustrações aguçam a sensibilidade e geram expressões antes que o façam através de palavras. Atualmente, aspectos táteis, como o formato do livro, o papel utilizado, e uma diagramação equilibrada, ou seja, o tipo de letra, a paginação, capa e contracapa, contrastes e cores, aliados à ilustração, constituem o todo que define uma obra literária infantil, pois as mesmas características que a tornam funcionais e atrativas, também distinguem um livro infantil de qualidade. Deste modo, a relevância deste estudo justifica-se pela importância da realização da literatura no período que antecede a inserção escolar. O objetivo do trabalho foi evidenciar o papel transformador das ilustrações em obras infantis, a fim de compreender o processo de transição entre os símbolos e a linguagem escrita. Para tanto, a metodologia que em-

basou a realização deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica com revisão de literatura. As pesquisas realizadas direcionaram à compreensão de que as ilustrações infantis representam uma importante linguagem à criança, contribuindo de maneira representativa ao desenvolvimento da aprendizagem e alfabetização, cabendo à necessidade de desafiar a imaginação das crianças com propostas de ilustrações em livros de literatura infantil, como os contos de fadas, a fim de determinar maneiras expressivas de comunicação das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Arte Visual; Ilustração; Desenho.

## INTRODUÇÃO

O período da Educação Infantil caracteriza a apropriação do funcionamento da linguagem oral e escrita, levando aos alunos a conquistarem segurança, diminuindo a dificuldade de decifrar os códigos da língua, sendo capaz de organizar as ideias, compreender regras básicas das letras e as relações ortográficas essenciais para a alfabetização concreta e funcional ao sujeito (CARVALHO, 2015).

Interpretar imagens e refletir sobre a articulação destas com o texto escrito, vai além de decodificar somente a linguagem verbal escrita. As ilustrações contribuem para uma melhor compreensão do texto, tendo em vista que somam novos significados à história. O projeto gráfico de uma obra literária infantil assume a função de convidar seus leitores (MELLO, 2015).

Esse trabalho relaciona as o trabalho com a leitura em sala de aula tem caracterizado uma das maiores preocupações dos professores, transformando-se em discussões variadas que embasam o meio acadêmico, estendendo às pesquisas sobre as práticas de leitura e o ambiente escolar aos fatores que ultrapassam os limites do conhecimento e da aprendizagem. Diante da importância que assume a vida dos sujeitos, a literatura torna-se algo difícil de definir, mas há a possibilidade de assimilar sua estrutura à arte que as palavras representam.

O objetivo desse trabalho é evidenciar o papel transformador das ilustrações em obras infantis, a fim de compreender o processo de transição entre os símbolos e a linguagem escrita. Como objetivos específicos, destacam-se: relacionar a importância e influência dos contos de fadas no desenvolvimento infantil; analisar a importância do desenho na aprendizagem das crianças; identificar a relações entre ilustrações e a efetivação da leitura na infância.

A relevância deste trabalho justifica-se pela importância da realização da literatura no período que antecede a inserção escolar, a fim de estimular as capacidades visuais, encontradas em ilustrações de obras infantis, estimulando a curiosidade das crianças quando chegam às escolas interessadas em traduzindo as escritas em livros, interpretando as músicas e reconhecendo suas preferências.

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica e documental, com revisão de literatura, considerando estudos realizados por autores que abordam a temática, para a partir de análises, ampliar as discussões que embasam o trabalho.

## O DESENHO NA REALIDADE INFANTIL

A criança inicia a manifestação de seus sentimentos, emoções e desejos por meio dos desenhos, traduzidos nas brincadeiras infantis, desde rabiscos no chão com

giz, até a expressão de imagens em papel e parede. Os desenhos, assim como as expressões corporais, representam o meio inicial da manifestação das ações infantis, demonstrando a sensibilidade artística desde muito cedo.

"A criança tendo um instrumento que deixe uma marca, como uma varinha na areia, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros, o pincel com tinta no papel, brincando deixa sua marca, criando e contando histórias" (MOREIRA, 2009, p.15).

Ao desenhar, a criança elabora situações a sua volta e, mesmo que estejam em silêncio ou concentrados, os indivíduos estão em um constante jogo de criação. Em alguns momentos a explosão de emoções torna-se tão elevada que a criança acaba cantando ou conversando enquanto desenha, mas todo o processo faz parte de um momento lúdico de aprendizagem (CARVALHO, 2015).

O desenho ainda acontece em momentos de ausência da grafia, como na decoração de uma casa de bonecas ou nas estradas que compõe a cidade dos carrinhos de brinquedo e, sem que a criança saiba da sua criação, ela desenhará com os olhos que enxerga sua realidade (LINHARES, 2008).

Moreira (2009) ainda afirma que desenho é qualquer traço no papel ou em outra superfície, de modo que a criança esteja expressando seus sentimentos com os materiais que estiverem à mão. Ao observar uma criança brincando livremente é possível entender como ela diferencia a disposição de seus brinquedos e a maneira como os desenha no espaço, cabendo a esta linguagem artística a percepção sobre as necessidades e preferências da criança.

Gimenez (2009) afirma que a melhor maneira de entender a criança e identificar seus desejos é observando suas atitudes ao brincar, desde a maneira como movimenta seu corpo até as expressões quando não está contente com uma situação.

Neste momento é fundamental a observação das expressões artísticas das crianças que, ao desenhar registram sua percepção sobre o mundo a sua volta.

As crianças ainda desenham para registrar uma fala, uma história, logo, o desenho também pode ser reconhecido como a primeira forma de escrita da criança que expressa suas alegrias e medos por meio de traços que elas mesmas acabam interpretando e contando aos adultos.

Quando a criança conhece o lápis, ele representa um brinquedo que reflete em uma ação lúdica e o desenho nasce com marcas em papeis ou superfícies, criando um jogo de exercício repetido diversas vezes pela criança, assumindo formas mais expressivas posteriormente. Como nesta fase a criança encontra-se no período sensório motor, a representação gráfica tem um compromisso maior com a estrutura dos movimentos e a conquista por nortear um risco (MOREIRA, 2009).

O desenho infantil avança conforme as percepções das crianças. O grafismo está ligado à maturidade que a criança vai adquirindo, iniciando pela percepção motora e seguindo até a maturidade cerebral, momento que a relação com o mundo passa a ser criticada e sensibilizada pela criança (SANTOS, 2015).

Portanto, o desenho não é um simples ato mecânico para distrair a criança, ele deve ser interpretado como funções emocionais e simbólicas da criança, capazes de contribuir na formação. O desenho permite que a criança crie expressões, integre percepções e imaginação, além de despertar a sensibilidade e a capacidade reflexiva.

## A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NA APRENDIZAGEM

Na fase pré-escolar, a criança apresenta marcas pessoais em expressões gráficas, representadas por meio de desenhos que traduzem a maneira como elas conseguem uma comunicação com o mundo.

O desenho caracteriza uma linguagem encantadora aos pequenos, devido à possiblidade de criar e recriar situações vivenciadas. Deste modo, a criança e o desenho apresentam relações fundamentais, que permitem o reconhecimento de regras e práticas sociais para ampliar a capacidade imaginativa (SANTOS, 2015).

O lápis e o papel, assim como objetos similares, determinam a iniciação das marcas da criança, assim como os rastros e traços, incluindo a ação de imitar a escrita dos adultos, não por meio de cópias, mas pela revelação da necessidade de produzir uma escrita própria, transmitindo as necessidades e desejos infantis. Quando a criança começa a querer representar, ela passa a transmitir seus conhecimentos através do ato de desenhar (CARVALHO, 2015).

Antes mesmo de iniciar a escrita, a criança utiliza a produção gráfica para a comunicação. Deste modo, o desenho representa uma espécie de alicerce para a aquisição da língua escrita de uma criança, permitindo que ocorram outras maneiras de desenvolver as linguagens, como pelas músicas, brincadeiras, danças, entre outras atividades, que proporcionam a formação da identidade infantil, além da personalidade e inteligência (MELLO, 2015).

Portanto, ao abandonar o desenho, a criança opta por substituir os códigos gráficos pela escrita, limitando-se apenas ao desenvolvimento de uma das capacidades. Em determinadas situações, a escola antecipa o processo e alfabetização com a intenção de atender às necessidades sociais que cobram pela aprendizagem da alfabetização das crianças, abandonando o prazer de poder aprender a escrever por meio de seus desenhos.

A escola passa a valorizar o tempo da criança com atividades de expressão construídas previamente, sem proporcionar o processo de criação infantil, ampliando as experiências diversas que o sujeito pode conquistar. Na Educação infantil, por exemplo, a criança passa do estágio de estímulo à alfabetização sem os devidos desenvolvimentos da capacidade linguística, retirando o desenho da realidade da criança por acreditar que seja uma prática de divertimento, quando permite a aprendizagem significativa (BECKER, 2011).

A alfabetização não exige uma desqualificação da apropriação da linguagem escrita, mas precisa atribuir significados e valores aos desenhos realizados pelas crianças, cabendo às escolas o aproveitamento das diversas maneiras de expressão do aluno, com a intenção de relacionar as experiências de vida ao aumento gradativo do desenvolvimento e das habilidades humanas, caracterizando a alfabetização como uma função social de maneira adequada (MELLO, 2015).

O currículo escolar apresenta diversas atividades faladas de maneira formal, levando a criança a esquecer-se de desenhar. Diante desta realidade, o desenho infantil perde espaço para a necessidade de atender as exigências do contexto social, levando as salas de aula a desvalorizarem os momentos de desenhar, considerando esta prática como passatempo aos alunos, quando o desenho e a brincadeira deveriam assumir a posição de estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem infantil (CARVALHO, 2015).

Sendo assim, o professor precisa estabelecer meios estimulantes e ambientes instigadores que proporcione prazer aos momentos de criação infantil levando a criança a manifestar suas representações artísticas através da valorização do desenho e apreciação de imagens. Neste momento, experimentar novas linguagens também permite uma aprendizagem importante, desenvolvendo a alfabetização ao relacionar desenhos, músicas, danças e outras atividades (BECKER, 2011).

Sendo assim, a linguagem gráfica requer a inserção de atividades lúdicas, que permitam à criança aprender de maneira significativa, pois educar significa conduzir o indivíduo à construção do saber, priorizando a capacidade criativa e transformadora do conhecimento por meio da flexibilidade e adaptação do que for necessário para um resultado satisfatório (MELLO, 2015).

A capacidade de desenhar e interpretar imagens em cada criança deve ser considerada como uma forma única e perfeita, recebendo a devida valorização, de modo que o sujeito seja levado a entender que expressar sentimentos, desejos e realidades é a melhor maneira de perceber o mundo individual e coletivamente. Mesmo que algumas produções sejam mais belas do que outras, a criança não pode ser desestimulada a fim de continuar suas manifestações para que o professor perceba e identifique a cultura, os sentimentos e a maneira como a criança enxerga o mundo ao seu redor (LINHARES, 2008).

O professor que se propõe a trabalhar as linguagens da arte deve valorizar o conhecimento das crianças, aliando a sua formação tudo o que surgir em sala de aula a fim de garantir que as características, interesses e limitações de seus alunos sejam percebidos e utilizados para uma aprendizagem significativa e enriquecedora.

O conhecimento teórico e prático do professor depende de sua afetividade pelas crianças, além do interesse dos sujeitos para que o trabalho artístico exista em sala de aula, pois não basta exigir da criança que manifeste suas expressões com técnicas e atividades predeterminadas, desconexas à realidade do indivíduo, é necessário que o professor seja corajoso para transformar o ensino de arte em algo importante às crianças, inovando as práticas e superando as ideias limitadas sobre o fazer artístico, explorando em suas turmas a potencialidade que vai contribuir para a construção do conhecimento interdisciplinarmente (SANTOS, 2015).

“A arte perpassa a brincadeira e desenvolve autoimagem, autoestima e autoconfiança, tornando o aluno sujeito de seu aprendizado, formando cidadãos do mundo capazes de transformá-lo” (BARBOSA, 2006, p.56).

A aprendizagem infantil, portanto, deve superar os paradigmas que caracterizam este momento como algo maçante e mecânico, proporcionando uma aprendizagem prazerosa, que introduz as linguagens artísticas na realidade da criança de modo a propor um envolvimento e conhecimento sobre suas habilidades, potencialidades e capacidades artísticas, por meio da expressão de pensamentos ou da realidade, saindo do comum, do convencional e do padronizado para a exploração da manifestação artística de cada criança a fim de garantir a construção de uma identidade mais autônoma e segura quanto as suas capacidades.

## APRENDER COM IMAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As transformações tecnológicas in-

fluenciam nas perspectivas atuais de vida humana, principalmente no que envolve a comunicação e a educação. A mídia representa boa parte das opiniões do homem, devido à divulgação de propagandas que transmitem cultura para o cotidiano, caracterizada pelas imagens que circulam com frequência em qualquer tempo ou espaço. Compreender a linguagem destas imagens, portanto, é fundamental para que o conhecimento propague-se e atinja a todos os indivíduos que convivem em sociedade (MOBRICE, 2010).

Como a educação é o ponto de partida para o conhecimento das pessoas, as crianças têm um contato inicial com as imagens já na fase pré-escolar, ao discutirem sobre as imagens que acompanham nas televisões, Internets, entre outros meios de comunicação (SANTOS, 2015).

As crianças são incentivadas a colorir livros com imagens que simbolizam personagens infantis de figurinos variados, levados desde muito cedo, às influências da mídia sobre as roupas da moda, as melhores cores, valorizando um olhar infantil voltado ao estereótipo, que passa a fazer parte do imaginário da criança (BECKER, 2011).

Este estereótipo imposto pelos meios de comunicação acaba descontextualizando o cotidiano do homem, com a simplificação de imagens que poderiam simbolizar muito principalmente para a realidade da criança.

Segundo Vianna (2015) o estereótipo é a simplificação no esquematizar de formas e figuras, reduzindo uma expressão artística a sua visualização mais simples possível. O estereótipo é uma representação imóvel de algo já existente, sem que ocorra a criação por parte de quem reproduz, sustentando uma maneira constante de diferenciar o que é, de fato, mais próximo do belo do que não é.

Para Becker (2011), os estereótipos apontam como maneiras de construir a Arte de forma desfocada, com clichês sobre desenhos que enfeitam e multiplicam os murais de escolas de Educação Infantil, oferecidos para pintura das crianças que reproduzem uma situação sem uma aprendizagem significativa, reduzindo o ensino de Arte a espaços decorativos de ambientes e portfólios infantis.

Com a finalidade de atrair a atenção dos alunos para desenhos bonitos, os estereótipos começam a influenciar a vida humana desde muito cedo, produzindo padrões de beleza que poderiam ser evitados já na fase pré-escolar da infância. Os próprios pais incentivam a beleza nas manifestações artísticas dos filhos, deixando a espontaneidade cada vez mais de lado, refletindo na busca por um modelo que deixam as crianças seguras perante seus pais, colegas e até mesmo professores (MOBRICE, 2010).

Esta maneira de ensinar a Arte por meio da reprodução de desenhos, data desde o século XIX, predominando até os dias atuais, mantendo moldes padronizados que inibem a criação das crianças. O desenho estereotipado limita a imaginação das crianças, empobrecendo a expressão artística e impedindo que as habilidades dos sujeitos sejam desenvolvidas naturalmente (BERNARDI, 2014).

Portanto, após a fase pré-escolar, a prática educativa às crianças, utilizada pelos professores de Educação Infantil, precisa dinamizar o ensino de artes visuais, propondo que o indivíduo seja criativo e esteja aberto à linguagem artística em todos os aspectos, pois apenas assim, o educador vai permitir que a criança explore materiais e atividades diversificadas para aprender a arte como deve ser, não reduzindo a um simples passatempo em sala de aula (VIANA, 2015).

Tanto o desenvolvimento da criança quanto seu ritmo de trabalho deve ser respeitado, de modo que ocorra uma aprendizagem significativa, além de garantir que imagens variadas sejam introduzidas na realidade da criança, a fim de proporcionar um aumento no repertório do indivíduo para que ele faça arte espontaneamente, mas com a mediação do professor para estimular, intervir e oportunizar experiências cada vez mais prazerosas e ricas para a criança (MOBRICE, 2010).

Introduzir ao cotidiano das crianças boas imagens significa ensinar a apreciação das Artes Visuais desde a fase pré-escolar, trabalhando todas as linguagens artísticas (pinturas, esculturas, desenhos, cerâmica, entre outros) atreladas às transformações estéticas, como fotografia, moda, propagandas, cinema e todos os avanços tecnológicos que compõe a rotina da criança. Cada modalidade artística é diferente aos olhos do espectador visualmente, mas todas representam a expressão da cultura humana, materializadas em uma forma visível, podendo ser estática ou em movimento, em todas as dimensões e materiais possíveis para aumentar o repertório e a criticidade das crianças (VIANNA, 2015).

A imagem, neste caso, ultrapassa as veias artísticas, sendo necessário o entendimento no contexto social para que a criança passe a entender no contexto educacional (BECKER, 2011).

Uma atividade sugerida por Barbosa (2006) para a criança aprender a ler as imagens artísticas e cotidianas é a realização de retratos e autorretratos, propondo que a criança se coloque no lugar da obra escolhida, caracterizando-se como a imagem e servindo de moldura, como um quadro com a mesma postura da ilustração, a fim de que um colega reproduza sua imagem. Expor trabalhos realizados a partir da criação dos alunos permite que outras crianças sintam estímulos para realizar atividades artísticas.

Sendo assim, o estudo da imagem é uma das ferramentas mais importantes para o ensino de arte, também durante a fase pré-escolar, inspirando a criança para reproduzir suas emoções e não apenas copiá-las de algo estereotipado pela sociedade como belo.

A livre expressão no ensino de arte permite que a criança encontre sua capacidade criadora e aprenda a experimentar mediante as variadas situações do cotidiano, dependendo da atenção do professor para observar e descobrir a sensibilidade no olhar de seus alunos, oportunizando a aprendizagem por meio da brincadeira de desenhar, pintar e estar em contato com a arte (MEDEIROS, 2012).

A melhor maneira de ensinar a arte é integrando todos os seus aspectos na fase pré-escolar, com sequência na escola, permitindo que a criança seja levada ao interesse pela aprendizagem, identificando a necessidade do ensino da Arte, desenvolvendo aspectos artísticos, construindo uma identidade crítica e sensível que permitirão o entendimento das diferentes culturas e diversidades sociais. Desse modo, o respeito pela arte e a dedicação pela sua aprendizagem acontece de maneira natural em todos os níveis da educação (MOREIRA, 2009).

A leitura das imagens caracteriza-se como uma das formas de comunicação e interpretação do mundo. No caso da leitura de imagens em livros infantis, representa uma importância significativa, diante da possibilidade de transformar o processo de ensino-aprendizagem em situações aplicáveis ao cotidiano da criança, uma vez que por meio das imagens, a imaginação do indivíduo tende a ser potencializada (MEDEIROS, 2012).

Diante desta realidade, as imagens são fundamentais para a iniciação da leitura infantil, possibilitando a inserção dinâmica na alfabetização, a fim de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem das crianças. As ilustrações auxiliam na interpretação, fortalecendo a imaginação, de modo que o sujeito consiga identificar o que aprende na escola em sua realidade cotidiana.

Durante a infância, a formação do pensamento ocorre a partir da exploração e vivência, potencializadas nas crianças ao considerar a capacidade de imaginação. A alfabetização exige um contexto diferenciado, com um ambiente estimulador, cabendo às imagens encontradas em livros de contos de fadas, um significado ao aprendizado, proporcionando à criança além da decodificação, mas a percepção de que as letras pertencem ao mundo da fantasia, dos desenhos e das fábulas (FARIA, 2008).

As crianças precisam de contato com livros, contos e histórias de diferentes gêneros desde pequenas, pois os livros infantis alimentam a imaginação da criança a fim de contribuir com reflexões, ou seja, a criança tende a inserir a história em sua realidade cotidiana social, familiar e individual, ampliando e potencializado a capacidade de interpretação e crítica acerca das questões cognitivas que compõem sua formação (LINHARES, 2008).

De acordo com Faria:

Quando o texto dos livros para crianças é formado apenas por algumas frases, a ilustração adquire um papel relevante na estruturação da narrativa. Deve, portanto, ser cuidadosamente analisada em suas sequencias e cenas, na representação das personagens e suas expressões (pessoais, de ação, etc.). Nos detalhes do espaço e do tempo a fim de que as crianças acompanhem e a dominem plenamente a história e as formas que estão narradas. (FARIA, 2008, p. 82).

Portanto, as ilustrações podem direcionar a criança em sistemas de socialização, diante da possibilidade de comunicação entre os sujeitos para tratar as informações recebidas na narração, de modo que cada um seja capaz de identificar os objetivos dos contos por meio das imagens observadas durante as histórias.

As funções de cada linguagem são complementares, não havendo maior ou menor importância de uma sobre a outra. Um bom entrosamento entre ambas ajuda as histórias a ganharem vida. Para não correrem risco de serem redundantes, as ilustrações devem ultrapassar a reprodução literal das palavras do escritor, enriquecendo visualmente as possibilidades do imaginário, dando espaço para que a imagem continue de onde o texto parou (MOBRICE, 2010).

De acordo com Santos (2015) as relações de correspondência não apresentam necessariamente uma repetição, quando a ilustração intenta por um entendimento imaginativo que só pode ser individual, portanto, exclusivo. Sendo assim, interpretar as imagens de um livro de literatura infantil é tão relevante quanto compreender seu texto.

Para Gimenez (2009), a interpretação de um livro infantil trata-se da construção de sentidos múltiplos, unidos por meio do projeto gráfico, denominado pelo autor como leitura semiótica. O objetivo da “hora da história” é a familiarização com a leitura e tal atividade deve ser incorporada na rotina diária de aulas que, quando nutridas de motivação, direcionam às crianças a despertarem a curiosidade e a imaginação. O acesso aos livros deve ser facilitado como oportunidade de contato com o uso real da escrita, mesmo que ainda não se comportem como leitores e sim expectadores.

No mundo escolar, estes momentos passam pela exposição de gravuras, pela narração dramática que ganha impostação de voz e expressão corporal. O bom contador de histórias vibra, faz rir, é engraçado e alimenta o mistério, além de respeitar a obra literária, sem adaptações, onde todos também possam vê-la, garantindo a ligação entre todos da roda, atendendo as perguntas e comentários que podem surgir. Quando bem contadas, as histórias fazem com que as crianças se identifiquem com os personagens e façam parte da trama. Assim vividas, provocam novos sentimentos e amadurecem outros (FARIA, 2008).

Para Linhares (2008), a literatura assume funções no desenvolvimento humano, ligadas às questões: psicológicas, quando propõe situações imaginativas; formativas, quando permitem os questionamentos do leitor; aprendizagem, propondo conhecimentos sobre o mundo nos momentos que a literatura interpreta a realidade social e humana, interligadas às questões culturais, permitindo aos sujeitos uma humanização.

A prática da leitura conduz à exploração das potencialidades da língua, incentivando o leitor a expressão de seus desejos, quando possibilita o desenvolvimento de experiências, pois uma leitura permite diferentes aprendizagens ao sujeito, uma vez que ao reler uma obra, novas conclusões e ressignificações podem ser consideradas.

Maguel (2008) destaca a importância da leitura estética, ou seja, a função literária de exercer uma linguagem verbal aos homens, por meio de rotinas reais. Sendo assim, além das palavras, as fotografias e os objetos, as palavras narradas permitem as relações com sensações, ampliando as dimensões humanas de percepção da leitura, não a limitando apenas a palavras sem conexão ou sentido à realidade. A função da literatura assume dimensões transformadoras, uma vez que a compreensão do leitor pode materializar-se em cores, sabores e formas, instigadas.

Medeiros (2012) afirma que para a criança, o contato com os livros deve acontecer desde os primeiros momentos, mesmo que o sujeito ainda não consiga ler, mas aprenda a manusear os contos. Esse contato inicial ocorre com o estímulo das famílias, que narram histórias às crianças, variando os tipos de contos, incentivando a criança a participar da história desde pequeno, propondo a formação de crianças leitoras, que pode ser estendido a adultos interessados pela leitura.

Quando a criança não tem nenhum contato com os livros, ou um contato interpretado como insuficiente, chegam às escolas apresentando desinteresse total pela leitura. Algumas crianças só conseguem contato com a literatura infantil quando passam a frequentar o ambiente escolar, pois o acesso aos livros é maior do que quando estão fora da escola (MEDEIROS, 2012).

Porém, quando a criança é apresentada aos contos já entre as famílias, as experiências trazidas à escola proporcionam uma aprendizagem mais eficaz, uma vez que o conhecimento influencia a busca por novas informações, cabendo à escola considerar variantes ao escolher as práticas relacionadas à leitura da criança. A escola precisa adotar a ideia da leitura pela leitura, ou seja, o incentivo à criança de ler para aprender e não para que seja avaliado sobre seus conhecimentos. As práticas pós-leitura devem ser superadas a fim de que a criança

seja levada até a leitura para explorar a narração por meio de reflexões, proporcionando um benefício educacional às crianças (MOBRICE, 2010).

Na infância, a imagem representa uma infinidade de possibilidades para desenvolvimento cognitivo, diante da importância de estimular o aprender a partir das relações entre imagens e seus significados. Tanto na fase pré-escolar, quanto na Educação Infantil, as ilustrações em livros, por exemplo, representam a aproximação da criança com a compreensão de algum assunto ou situação, de acordo com a intensidade de comunicação entre o leitor e a história (MAGUEL, 2008).

Os livros infantis de contos de fadas, que contém ilustrações, transformam-se em instrumento de aquisição do conhecimento, pois pode pertencer à realidade da criança de maneira natural, configurando o imaginário como uma possibilidade de existência, situação que contribui com o desenvolvimento das habilidades do sujeito, como inteligência, raciocínio, criticidade, entre outros aspectos (SANTOS, 2015).

A cultura da educação ao longo dos tempos é transformar a leitura em algo técnico, apresentando textos de palavras apenas às crianças, porém, quando ocorre a inserção da prática de leitura em todas as fases da vida, na necessidade de transformar letras em realidade, caracteriza-se como propício ao ensino da leitura o trabalho com letras e ilustrações, a fim de que os livros possam significar algo para as crianças, capazes de relacionar as histórias ao cotidiano (MAGUEL, 2008).

A imagem ainda pode representar a primeira forma de leitura, ocorrida já na infância, quando a criança está mais próxima ao desenvolvimento cognitivo, facilitando a capacidade de imaginação. Portanto, a ilustração de livros, por exemplo, simboliza uma manifestação de codificação verbal e escrita. Mesmo que abstratamente, o desenvolvimento visual por meio da leitura de contos de fadas, amplia a interpretação e revela interesses e necessidades da criança, que tende a demonstrar maior ou menor relação com determinadas imagens (MOBRICE, 2010).

Considerando a ideia de que a imaginação acaba materializada conforme a capacidade de criação do indivíduo, as ilustrações acontecem a partir da projeção do criador de uma história, que utiliza sua experiência e vivência para representar acontecimentos. A criança, por sua vez, baseia-se nas imagens definidas para ampliar seu conhecimento de mundo, aumentando o repertório de figuras em seu cérebro, possibilitando uma compreensão mais significativa de situações ainda desconhecidas (FARIA, 2008).

Os livros de contos de fadas são ricos em ilustrações, comunicando-se com as crianças por meio de imagens e proporcionando aquisição do conhecimento, além de ampliar a percepção de objetos de sua realidade, associando letras e palavras às imagens, cores e diferentes universos, promovendo o conhecimento a partir da identificação visual (MOBRICE, 2010).

A criação de uma imagem depende da movimentação do autor em realidades externas, a fim de que a imaginação projete algo que já lhe foi apresentado anteriormente, pois apesar de conseguir construir uma ilustração, o pensamento busca experiências já vivenciadas para projeção de uma imagem. Sendo assim, a ilustração de um livro de contos de fadas, por exemplo, apesar de linear em espaço e tempo, exige uma organização da criação e imaginação (MAGUEL, 2008).

A capacidade infantil de realizar uma leitura por meio de imagens não se limita à possibilidade de enxergar as figuras como estão dispostas, mas compreender as dimensões e percepções das ilustrações. Porém, a linguagem só é efetivada quando a criança percebe com atenção as imagens e as formas de leitura, estando aberto à comunica-

ção, diálogo e aprendizado, pois a organização do pensamento em relação à associação entre figuras e letras, depende dos estímulos e desenvolvimento das capacidades cognitivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto na fase pré-escolar, quanto na iniciação na escola, o conhecimento em arte é fundamental para que ocorram manifestações nas crianças desde bem cedo. Para tanto, é necessária uma atuação sólida e específica, a fim de permitir que todos os campos do conhecimento sejam explorados nas crianças, proporcionando uma aprendizagem significativa para desenvolver todas as linguagens possíveis no indivíduo. As famílias e a escola deve ser um espaço de cuidado com a criança, praticando atos de afeto entre os envolvidos com a educação, possibilitando a ampliação do conhecimento e da sensibilização dos sujeitos com a sociedade.

Quando a arte é vista como uma disciplina transformadora e importante para o desenvolvimento da criança, tal como as demais áreas do conhecimento, fica evidente a necessidade de quebrar os paradigmas sobre a interpretação das linguagens artísticas apenas como atividade de recreação, de passatempo ou de decoração realizadas em espaços de formação.

Sendo assim, os desenhos apresentados às crianças devem propor a expressividade infantil, respeitado as fases e estágios da infância, entendendo o grafismo como uma ação pedagógica, que possibilita novas maneiras práticas de ensinar a arte desde a fase pré-escolar até o final do período escolar.

Com relação às ilustrações nos livros infantis, trata-se de um processo pertencente à realidade infantil desde bem cedo, antecedendo à aprendizagem convencional da escrita, determinando maneiras expressivas de comunicação das crianças, que utilizam os desenhos para externar suas angústias, necessidades e desejos.

Desta forma, as ilustrações infantis representam uma importante linguagem à criança, contribuindo de maneira representativa ao desenvolvimento da aprendizagem, além de favorecer a coordenação dos movimentos e da capacidade imaginativa na infância.

A elaboração deste trabalho possibilitou algumas reflexões referentes à importância das imagens nos livros infantis, enfatizando os contos de fadas para a formação da linguagem e da imaginação, valorizando a necessidade das aulas de arte durante o período escolar.

Quando a fase escolar inicia-se na vida da criança, a tendência é a redução dos desenhos e interpretação de imagens, com o propósito de atender o sistema gráfico convencional, mas quando o desenho ainda é valorizado nas aulas, especialmente dentro da disciplina de arte, a criança passa a encontrar relações entre as palavras e a utilização de expressões gráficas, traduzindo na aprendizagem significativa, que favorece o desenvolvimento da criança e proporciona prazer ao aprender, deixando de lado associações com métodos maçantes e mecânicos.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. Por Amor e Por Força: rotinas na educação infantil. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BECKER, R. N. A arte na formação da professora das séries iniciais do ensino fundamental. 4ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.